ABRE ASPAS
POEMAS
FECHA ASPAS

SEM PIEGUICES
PONTO FINAL

sem regras vírgula sem rimas
vírgula sem limites ponto final

VÍTOR RUA

ASOKA MIAU RECORDS · LISBOA · 2026

ABRE ASPAS
POEMAS
FECHA ASPAS

sem pieguices ponto final

VÍTOR RUA

ASOKA MIAU RECORDS · LISBOA · 2026

ÍNDICE

trinta e oito movimentos de pontuação

I não importa quem dá corda vírgula importa o que dela faço ponto final 5

II viver vírgula só isso vírgula nada mais ponto final 6

III do electrão ao elefante vírgula tudo me fascina vírgula menos nós ponto final 7

IV abre aspas do fogo às criptomoedas fecha aspas vírgula para quê ponto de interrogação 9

V onde os pássaros são peixes de cristal vírgula yuki escreve ponto final 10

VI quando o mundo cantou vírgula ele escutou ponto final 11

VII abre aspas ruído fecha aspas dois pontos o som que todos rejeitam ponto final 13

VIII os musicólogos e os etnomusicólogos dois pontos um jogo sem partitura ponto final 15

IX do musgo à baleia dois pontos o grito do planeta ponto final 18

X vozes femininas dois pontos de mary wollstonecraft a nós ponto final 20

XI as pedras que brilham vírgula as que guardam segredos vírgula todas com história ponto final 22

XII entre o som e o vazio vírgula a respiração do silêncio ponto final 24

XIII do invisível ao inevitável dois pontos a força da volição ponto final 26

XIV a liberdade das rodas partidas vírgula o grito dos bois ponto final 28

XV a moeda que pesa mais que o mundo ponto final 30

XVI a inclusão começa no pensamento vírgula ressoa na escrita ponto final 32

XVII intolerar a intolerância dois pontos preservar o futuro ponto final 34

XX h2o vírgula a pulsação do ínfimo 40

XXI entre o zumbido da máquina e o canto da lenha 41

XXII abre aspas sofrimento e sangue fecha aspas dois pontos um retrato do consumo 43

XXIII o lento deslizar dos dedos dois pontos a consciência da morte 44

XXIV própolis dois pontos o pacto entre abelhas e o mundo 46

XXV do ikea às estrelas dois pontos a luz que não dança 48

XXVI um palco vazio dois pontos quando a terra não aplaude 49

XXVII o prazer salgado dois pontos entre o mar e o protector solar 51

XXVIII abre aspas político corrupto fecha aspas dois pontos nem a simplicidade de uma ameba 53

XXIX abre aspas o pinguim e o morcego fecha aspas dois pontos a brincadeira da natureza 55

XXX o som que prometeu dois pontos do peido ao avant-garde 57

XXXI o mosquito dois pontos igualdade na injustiça 59

XXXII o oitavo mês lunar dois pontos um ritual fluorescente 60

XXXIII a tragédia do mindinho dois pontos newton aplaude 61

XXXIV a força do acaso dois pontos onde as condições se escondem 63

XXXV a sabedoria do corvo dois pontos o voo da dúvida 65

XXXVI a riqueza da diferença dois pontos o humano que se expande 66

XVIII derrubar para descobrir vírgula o método científico dos felinos ponto final 36

XIX a vida que justifica o fim ponto final 38

XXXVII uma má canção dois pontos a obtusidade da identidade fechada 67

XXXVIII o poema que nunca termina dois pontos ecos do infinito 69

PREFÁCIO

prefácio sem título

este livro é um território aberto onde as palavras exploram os limites do óbvio e do absurdo ponto final não é um compêndio de respostas vírgula mas uma colecção de reflexões que orbitam em torno do humano vírgula do natural vírgula e do surreal ponto final aqui cada poema é uma janela aberta ao vento vírgula um convite para pensar vírgula rir vírgula talvez perder-se vírgula mas sempre regressar à palavra ponto final

nas páginas que seguem vírgula o trivial encontra o transcendente ponto final um pinguim vírgula que parece mamífero vírgula cruza-se com a sabedoria do corvo e a música atonal do acaso ponto final uma gota de própolis torna-se um universo vírgula um candeeiro do ikea ilumina mais do que uma sala vírgula e até o som de um peido ressoa como inspiração para uma peça de kagel ponto final a poesia aqui não caminha por terrenos seguros ponto e vírgula ela escava o mundano até encontrar o extraordinário ponto final

há humor vírgula sim vírgula mas também há crítica ponto final o mcdonald’s é vil vírgula o político corrupto é desprovido de medula vírgula ou pior vírgula escolhe não usála vírgula e a intolerância é denunciada como o perigo que ela sempre foi ponto final no entanto vírgula entre estas reflexões vírgula há espaço para a simplicidade do mar vírgula o brilho do silêncio vírgula e a vastidão de um poema que nunca termina ponto final

cada verso vírgula cada pausa vírgula carrega a intenção de provocar ponto final este livro é vírgula afinal vírgula um mapa sem bússola vírgula onde o leitor é desafiado a criar os seus próprios caminhos ponto final não se lê apenas vírgula descobre-se vírgula desvenda-se vírgula e respira-se em cada linha ponto final

que as palavras aqui encontradas te movam vírgula mesmo que não saibas para onde ponto final porque vírgula como o último poema que nunca termina vírgula este prefácio também não se encerra dois pontos ele continua em ti vírgula leitor

vírgula
a cada página que abrires ponto final

não importa quem dá corda vírgula importa o que dela faço ponto final

este é o meu primeiro poema vírgula
depois virá o subsequente vírgula
e o seguinte vírgula
e assim por diante vírgula
até alcançar o derradeiro ponto final
tal como a existência vírgula
do génese ao ocaso ponto final
pelo meio subsiste uma vivência vírgula
para uns esta será efémera vírgula
para outros será dilatada ponto final
somos como autómatos de corda vírgula
a quem se infunde movimento ao nascer vírgula
e este extingue-se no crepúsculo quando finda ponto final
não anseio discernir quem nos insufla vida vírgula
para quê ponto de interrogação
importa-me vírgula apenas vírgula
usufruir do ímpeto que me couber vírgula
para insculpir estas minhas palavras ponto final

viver vírgula só isso vírgula nada mais ponto final

para quê vírgula tanto demandar o princípio ponto de interrogação
o desfecho não é já inquestionável ponto final
o que é a existência vírgula abre parêntesis ou aquilo que imaginamos ser fecha parêntesis ponto de interrogação
e ela não replica vírgula apenas murmura vírgula
como o vento num deserto de vidro ponto e vírgula
apenas escoa vírgula apenas esvai-se vírgula
como água que nunca tocou terra ponto final
sem compêndio vírgula sem significância vírgula
sem eco ponto final
existir para quê ponto de interrogação
se o tempo vírgula esse maestro invisível vírgula definha ponto final
os passos são só andanças vírgula
como se fôssemos sombras de nós mesmos vírgula
sem esplendor vírgula sem gravidade vírgula
flutuando num abismo que não tem nome ponto final
deixemos o tempo sucumbir vírgula
deixemos tudo vírgula
como folhas que se rendem ao outono ponto final
existir despretensiosamente vírgula
abre aspas e que se lixe o infinito fecha aspas ponto final

do electrão ao elefante vírgula tudo me fascina vírgula menos nós ponto final

admiro o firmamento vírgula
mas não o consigo conceber vírgula
de tão absurdamente ilimitado quase ser ponto final
reverencio as constelações vírgula
porque ao contrário do éter vírgula
já são algo que intuo ponto final
mesmo que numa galáxia existam duzentos mil milhões de astros vírgula
e intuir que existem no éter vírgula
perto de duzentos mil milhões de nebulosas vírgula
me pareça que uma só vírgula
a consiga albergar na minha mente ponto final
entranho-me pelo vácuo vírgula
embora nele caiba o absoluto vírgula
como o cosmos vírgula
também não o abarco ponto final
a matéria sombria impenetrável ponto final
venero o nosso sistema solar vírgula
que outrora assimilei na escola vírgula
agora um pouco transfigurado vírgula
e também não descortino vírgula
determinadas coisas vírgula
mas como observei em tratados vírgula
não estranho tanto ponto final
estimo o nosso orbe vírgula
contemplo a biosfera vírgula
reverencio os entes vivos vírgula
do ínfimo ácaro ao portentoso elefante vírgula
do minúsculo e enigmático electrão vírgula
ao mais funesto patógeno ponto final
mas e nós vírgula

os seres sapiens ponto de interrogação
não aprecio ponto final

IV abre aspas do fogo às criptomoedas fecha aspas vírgula para quê ponto de interrogação

abre aspas no primórdio fecha aspas vírgula descobrimos o fogo ponto final
abre parêntesis depois surgiu o engenho vírgula as lâminas ponto e vírgula os adornos vírgula a roda vírgula a subjugação dos seres não humanos fecha parêntesis ponto final
hoje vírgula contemplamos abre aspas iPhones fecha aspas
vírgula abre aspas criptomoedas fecha aspas vírgula projecções etéreas abre parêntesis ou hologramas fecha parêntesis
vírgula e para quê ponto de interrogação
não era tudo mais claro vírgula nas cavernas vírgula em círculo em redor da chama ponto e vírgula onde as sombras dançavam nas paredes ponto final
abre aspas como espectros do cosmos fecha aspas vírgula narrando o que jamais foi vivido ponto de exclamação

V onde os pássaros são peixes de cristal vírgula yuki escreve ponto final

yuki espreguiça-se vírgula
esticando as patas como raízes que procuram o céu ponto final
o seu pelo brilha vírgula
como o veludo das noites estreladas ponto e vírgula
com a língua vírgula que parece feita de luar vírgula
lava-se minuciosamente ponto final
um aranhiço ínfimo vírgula quase translúcido vírgula
movimenta-se na penumbra vírgula
e yuki dança atrás dele vírgula
como um cometa perseguindo um planeta ponto final
lá fora vírgula através da janela vírgula
um mundo despedaçado vírgula
onde os rios correm ao contrário vírgula
as árvores têm cabelos vírgula
e os pássaros são peixes de cristal ponto final
montanhas suspensas flutuam vírgula
aninhadas em nuvens de fogo ponto final
yuki regressa à cama vírgula
senta-se altivo vírgula
e com as patitas delicadas vírgula
liga o portátil macbook pro vírgula
os dedos dançam como se tivessem sido feitos para isto ponto final
e escreve este poema vírgula
palavra por palavra vírgula
como se já estivesse escrito nas estrelas ponto final

VI quando o mundo cantou vírgula ele escutou ponto final

na vastidão de um planeta jovem vírgula
onde os oceanos eram cântaros fumegantes vírgula
e os céus um mosaico de enxofre e luz pontilhada vírgula
a vida erguia-se vírgula
hesitante vírgula
entre o caos e a harmonia ponto final
os nossos ancestrais vírgula
esses vultos que caminhavam entre a sombra e a terra vírgula
australopitecos vírgula
seres feitos de poeira e sopro vírgula
exploravam um mundo que os moldava ponto final
as árvores eram catedrais de folhas vírgula
os rios sussurravam segredos impossíveis vírgula
e as pedras eram oráculos vírgula
aguardando perguntas ponto final
ele vírgula o primeiro ouvinte vírgula
sentou-se sob um céu tumultuoso vírgula
os olhos cravados no horizonte vírgula
onde o vento brincava com as montanhas ponto final
não tinha palavras vírgula
apenas o assombro ponto final
ouviu algo vírgula
não vindo dele mesmo vírgula
mas do mundo ponto final
primeiro o som dos trovões vírgula
como tambores que reverberavam no vazio ponto e vírgula
depois o estalar das folhas vírgula
como dedos que dedilhavam cordas invisíveis ponto final
o mundo falava vírgula
e ele escutava vírgula

sem compreender ponto e vírgula
mas sentindo ponto final
e então vírgula uma ideia brotou vírgula
como uma centelha que nunca antes existira ponto final
abre aspas a música não começa em mim vírgula fecha aspas
pensou vírgula
abre aspas começa lá fora ponto final
não a crio vírgula eu escuto ponto final fecha aspas
tudo fazia parte da sinfonia vírgula
o vento vírgula as rochas vírgula as árvores vírgula
os passos tímidos de criaturas que também ouviam ponto e vírgula
os rios eram flautas vírgula
os pássaros notas que dançavam no vazio ponto final
o mundo inteiro vírgula ele percebeu vírgula
era uma orquestra sem maestro ponto final
não havia necessidade de inventar vírgula
pois tudo já estava lá ponto final
ele vírgula o primeiro ouvinte vírgula
descobriu que a música era antiga vírgula
mais velha que as estrelas vírgula
e ele era apenas um entre os muitos que a ouviriam ponto final

VII abre aspas ruído fecha aspas dois pontos o som que todos rejeitam ponto final

olá ruído vírgula como estás ponto de interrogação
um pouco desgastado vírgula caro som ponto final
mas o que se passa vírgula amigo ruído ponto de interrogação
estou farto de ser desprezado vírgula tratado como algo vil ponto final
mas como assim vírgula tu és um som como eu ponto de exclamação
olha que não parece vírgula caro som vírgula
parece que tudo o que é mau sonoramente vírgula
é sempre culpa minha ponto final
mas isso é um absurdo ponto de exclamação
tu és tão necessário quanto eu vírgula
tão parte do mundo quanto o silêncio ponto final
experimenta explicar isso à musicologia vírgula
ou às pessoas que me ouvem com desdém ponto final
para elas vírgula sou o distúrbio vírgula a interrupção vírgula
o erro ponto final
mas sem ti vírgula onde estaria a tensão ponto de interrogação
a expectativa vírgula a surpresa ponto de interrogação
até as estrelas ruem com sons que tu farias ponto e vírgula
até o vento carrega fragmentos seus vírgula
não seria música também ponto de interrogação
será que sou vírgula caro som vírgula
ou será que não mereço o título ponto de interrogação
parece que o silêncio é exaltado vírgula
tu és venerado vírgula
e eu sou sempre o proscrito vírgula
o desordeiro ponto final

abra aspas ruído fecha aspas vírgula dizem eles vírgula
como quem expulsa alguém de um templo ponto final
e no entanto vírgula sem ti vírgula
até o silêncio seria monótono ponto final
sem ti vírgula como a música encontraria contraste
ponto de interrogação
não é tu vírgula afinal vírgula
quem dá textura ao som ponto final
custa-me acreditar vírgula caro som vírgula
mas as tuas palavras são como bálsamo ponto final
vou tentar carregar esta minha existência com mais
orgulho ponto final
e eu vírgula amigo ruído vírgula
estarei aqui para lembrar o mundo vírgula
que tu és o que dá cor ao nosso universo sonoro ponto
final

VII os musicólogos e os etnomusicólogos dois pontos um jogo sem partitura ponto final

bem-vindos vírgula caros ouvintes vírgula
ao evento sonoro desportivo do século ponto de exclamação
de um lado do campo vírgula os musicólogos históricos vírgula
trajados com camisas brancas vírgula gravatas pretas vírgula
e calções rigorosamente alinhados vírgula
como se fossem a própria encarnação de um minueto ponto final
os seus números estão bordados a ouro vírgula
em fontes clássicas ponto final
do outro lado vírgula os etnomusicólogos vírgula
vestidos como um carnaval de elegância ponto de exclamação
camisolas com padrões tribais vírgula
calções com estampas psicadélicas vírgula
e meias coloridas que mais parecem partituras de jazz ponto de exclamação
o árbitro apita vírgula
abre aspas que comece o préludio fecha aspas ponto de exclamação
os históricos dão o pontapé inicial vírgula
passam a bola com precisão de uma fuga de bach vírgula
as suas jogadas são impecáveis vírgula
mas previsíveis ponto final
abre aspas sempre seguindo o cânone fecha aspas vírgula
comentam os analistas vírgula
enquanto os históricos rematam directo à baliza ponto

final
mas o guarda-redes dos etnomusicólogos vírgula
vestido como se estivesse numa cerimónia de kora na
áfrica ocidental vírgula
defende com um salto que mais parece um solo de
saxofone ponto final
os etnomusicólogos recuperam a posse vírgula
e jogam com uma coreografia caótica vírgula
uma mistura de samba vírgula punk vírgula
e algo que soa a canto gregoriano com beatbox ponto
final
o capitão dos etnomusicólogos dribla com um passo de
flamenco vírgula
passa a bola com um riff de guitarra vírgula
e abre espaço na defesa rígida dos históricos ponto de
exclamação
o avançado remata com um grito de jazz vírgula
e a bola entra como uma nota de improviso ponto de
exclamação
um a zero para os etnomusicólogos ponto de exclamação
os históricos estão furiosos vírgula
e o treinador grita vírgula
abre aspas onde está o génio vírgula precisamos de
génio ponto de exclamação fecha aspas
no segundo tempo vírgula eles ajustam a tática ponto
final
schoenberg entra em campo vírgula
e a equipa começa a jogar com atonalidade ponto final
mas os etnomusicólogos respondem com improvisação
microtonal vírgula
e até um canto polifónico das ilhas salomão vírgula
confundindo completamente a estratégia dos históricos
ponto final
nos minutos finais vírgula
os etnomusicólogos marcam novamente vírgula
um golo que combina fado vírgula reggae vírgula
e um loop de theremin ponto final
dois a zero ponto de exclamação
os históricos ainda tentam um último remate vírgula
uma sonata em forma de golo ponto final
mas o árbitro apita vírgula
abre aspas fora de contexto fecha aspas ponto de

exclamação
o jogo termina vírgula
vitória esmagadora dos etnomusicólogos ponto de exclamação
eles celebram com uma roda de samba vírgula
enquanto os históricos saem de cabeça baixa vírgula
murmurando vírgula
abre aspas isto é uma degradação do sublime fecha aspas ponto final
os etnomusicólogos respondem vírgula
abre aspas sublime ou simplesmente diferente ponto de interrogação fecha aspas ponto final

IX do musgo à baleia dois pontos o grito do planeta ponto final

o musgo dois pontos pele viva que cobre a terra ponto e vírgula
estende-se por pedras que sussurram segredos antigos ponto final
as sequóias vírgula colossos imóveis abre parêntesis acariciam as nuvens com os dedos das suas copas fecha parêntesis ponto final
as montanhas dos laos vírgula vestidas de névoa vírgula emergem como deuses adormecidos ponto de exclamação
as cataratas despencam em véus de cristal vírgula cada gota abre aspas um universo fecha aspas ponto de exclamação
os rios serpenteiam vírgula como artérias que levam vida dois pontos
a todas as extremidades do planeta ponto final
os oceanos vírgula abismos azuis vírgula cantam canções que nenhum ouvido humano decifra ponto de exclamação
os animais dois pontos
esses habitantes deste reino vivo vírgula dançam no palco do mundo ponto final
a pulga vírgula pequena e incansável abre parêntesis faz do impossível o seu habitat fecha parêntesis ponto final
o elefante vírgula majestoso e pesado vírgula caminha com a graça de um poema ponto e vírgula
as sardinhas vírgula prateadas como estrelas em movimento vírgula
desenham constelações nos mares ponto de exclamação
e a baleia vírgula senhora das profundezas dois pontos entoando hinos que ecoam por eras vírgula
escreve partituras no silêncio do oceano ponto de

exclamação
as paisagens são um sonho vírgula
um delírio de possibilidades ponto de exclamação
há desertos de areia que respira dois pontos
dunas que se movem ao som de uma melodia invisível
ponto e vírgula
há florestas tão densas que escondem mundos inteiros
vírgula
onde criaturas que nunca vimos dançam à luz de sóis
secretos ponto final
o céu pinta-se de cores irreais vírgula
como se o crepúsculo fosse abre aspas a obra-prima de
um pintor louco fecha aspas ponto de exclamação
as águas dos rios reflectem mais do que o mundo dois
pontos
reflectem o tempo vírgula
e as pedras falam línguas que esquecemos ponto de
exclamação
mas então vírgula os humanos dois pontos
essas criaturas que carregam consigo o peso do orgulho
ponto final
eles não dançam ponto e vírgula não escutam ponto final
não reverenciam o musgo vírgula
nem as sequóias ponto de exclamação
eles cavam vírgula queimam vírgula apagam dois pontos
como se o mundo fosse uma ardósia a ser limpa ponto
final
e tudo o que tocam vírgula
transformam em desespero ponto final
abre aspas somos uma praga fecha aspas vírgula
grita o vento vírgula sussurrando entre as ruínas das
florestas ponto final
abre aspas o planeta pede clemência fecha aspas vírgula
e as baleias choram vírgula
mas ninguém escuta ponto final
há beleza suficiente para mil vidas dois pontos
mas o que resta é o som das máquinas ponto de
exclamação
o mundo era uma sinfonia vírgula
mas nós dois pontos
virámos as costas ao maestro ponto final

X vozes femininas dois pontos de mary wollstonecraft a nós ponto final

sou feminista vírgula
eco de vozes que atravessam séculos vírgula
tecendo histórias de luta e resistência ponto final
no dia 28 de julho de 1792 vírgula mary wollstonecraft
publica abre aspas a vindication of the rights of woman
fecha aspas vírgula
clamando por igualdade na educação ponto final
a 19 de julho de 1848 vírgula na convenção de seneca
falls vírgula
elizabeth cady stanton e lucretia mott redigem a
declaração de sentimentos vírgula
iniciando o movimento sufragista nos estados unidos
ponto final
em setembro de 1893 vírgula precisamente no dia 19
vírgula
a nova zelândia torna-se a primeira nação a conceder o
voto às mulheres ponto final
junho de 1913 vírgula no quarto dia vírgula
emily davison sacrifica-se pelo sufrágio feminino
vírgula
lançando-se sob os cascos dos cavalos no derby de epsom
ponto final
no ano de 1949 vírgula simone de beauvoir dá ao mundo
abre aspas o segundo sexo fecha aspas vírgula
desconstruindo mitos sobre a feminilidade ponto final
fevereiro de 1963 vírgula no dia 19 vírgula
betty friedan lança abre aspas a mística feminina fecha
aspas
vírgula
questionando o papel doméstico imposto às mulheres
ponto final
março de 1975 vírgula no oitavo dia vírgula
a onu declara o ano internacional da mulher vírgula
reconhecendo a importância da igualdade de género ponto
final
em janeiro de 2017 vírgula no dia 21 vírgula

a marcha das mulheres reúne milhões em todo o mundo vírgula
protestando contra a opressão e a desigualdade ponto final
em março de 2024 vírgula no oitavo dia vírgula
a frança torna-se a primeira nação a garantir o direito ao aborto na sua constituição vírgula
um marco na luta pelos direitos reprodutivos ponto final
mas ainda hoje vírgula
há aquelas que não se erguem pelas suas irmãs vírgula
que silenciam diante da injustiça ponto final
lamentamos por elas vírgula
pois a força do feminismo reside na união de todas
ponto final

XI as pedras que brilham vírgula as que guardam segredos vírgula todas com história ponto final

a safira dois pontos
azul profundo como o oceano ao entardecer ponto e vírgula
guarda segredos de reis abre parêntesis e talvez de deuses fecha parêntesis ponto de exclamação
o rubi dois pontos
vermelho como o sangue que nos dá vida vírgula
arde com o fogo das estrelas mais distantes ponto de exclamação
será uma pedra ou um fragmento de paixão ponto de interrogação
a esmeralda vírgula verde como a selva que respira dois pontos
um reflexo da terra na sua forma mais pura ponto final
abre aspas um pedaço de primavera fecha aspas ponto de exclamação
o diamante vírgula transparente vírgula mas cheio de luz vírgula
lapidado com a paciência do universo ponto e vírgula
como se a eternidade tivesse deixado a sua marca ponto de exclamação
o âmbar dois pontos ouro fossilizado pelo tempo ponto e vírgula
traz consigo o toque das árvores ancestrais ponto final
abre parêntesis ou seria o sussurro de um bosque perdido fecha parêntesis ponto de interrogação
a opala dois pontos
um arco-íris preso numa pedra vírgula
mudando de humor com a luz que a toca ponto e vírgula
um camaleão mineral ponto de exclamação
a ametista dois pontos
violeta como o crepúsculo no horizonte vírgula

serena abre parêntesis mas poderosa como o mistério
fecha parêntesis ponto final
e há também a pedra comum dois pontos
aquela que encontramos no chão vírgula
sem brilho vírgula sem lapidação ponto e vírgula
apenas uma rocha simples vírgula cinzenta ponto de exclamação
ainda assim vírgula contém as memórias da terra ponto e vírgula
os vestígios do tempo ponto de exclamação
abre aspas será preciso brilhar para ter valor ponto de interrogação fecha aspas vírgula
ou basta existir ponto de interrogação
uma pedra não precisa ser preciosa dois pontos
o seu valor está na sua presença ponto final
como nós vírgula ela é vírgula simplesmente vírgula
cheia de história abre parêntesis mesmo que ninguém a veja fecha parêntesis ponto final

XII

entre o som e o vazio vírgula a respiração do silêncio ponto final

o musgo cresce sem palavras vírgula
um segredo ancestral que se espalha pelos troncos vírgula
e as árvores murmuram histórias inaudíveis vírgula
como quem fala para as estrelas ponto final
as montanhas exalam uma quietude que pesa vírgula
um silêncio que se enraíza mais fundo que o tempo ponto e vírgula
há um eco que não se ouve vírgula
uma melodia sem notas que percorre os vales ponto final
nos livros vírgula o silêncio é uma pausa vírgula
um sopro que separa versos ponto e vírgula
uma presença invisível entre linhas que aguardam por olhos atentos ponto final
quando o leitor respira vírgula o silêncio respira com ele vírgula
e o espaço entre palavras torna-se um cosmos aberto ponto final
uma palavra não dita vibra mais forte vírgula
como uma estrela prestes a colapsar ponto final
no crepúsculo citadino vírgula
quando o asfalto reflecte luzes cansadas vírgula
há um instante onde tudo cessa vírgula
e a cidade parece segurar a sua própria respiração ponto e vírgula
mas o intervalo evapora vírgula
submerso no estrépito mecânico ponto de exclamação
o silêncio ali vírgula
breve e frágil vírgula
é como o voo de uma borboleta sobre um abismo ponto final
numa partitura vírgula o silêncio é pausa vírgula não

ausência ponto final
é a espera entre uma nota e outra dois pontos
um espaço onde a música amadurece ponto e vírgula
é o fio que liga tudo ponto final
sem ele vírgula as melodias seriam vastos desertos
vírgula
sem horizonte ponto final
dentro de nós vírgula
o silêncio é uma sombra que dança vírgula
uma tempestade que por vezes se aquieta ponto final
não se ouve vírgula mas pulsa ponto e vírgula
não fala vírgula mas revela ponto final
o silêncio dois pontos
um murmúrio inaudível que habita tudo vírgula
da pedra ao pensamento ponto final
não o vazio vírgula
mas a substância de onde tudo nasce ponto de exclamação

XII

do invisível ao inevitável dois pontos a força da volição ponto final

a volição dois pontos
esse sopro que não vemos vírgula
mas que move o corpo vírgula
impulsiona o espírito ponto final
não nasce da carne vírgula
nem se encontra nas estrelas ponto e vírgula
vem do lugar onde a vontade e o desejo se entrelaçam vírgula
criando raízes no invisível ponto final
é ela que nos ergue ao amanhecer vírgula
mesmo quando o peso da existência sufoca ponto e vírgula
é ela que conduz os passos vírgula
mesmo quando o caminho se oculta na névoa ponto final
a volição não é grito vírgula
é murmúrio ponto e vírgula
não é força bruta vírgula
mas uma corrente que desliza pelos recônditos do ser ponto final
o fogo que se recusa a extinguir vírgula
mesmo quando a chuva ameaça ponto final
é ela que faz o artista pintar o invisível vírgula
o poeta inscrever palavras no vácuo vírgula
o viajante buscar horizontes que não existem ponto final
abre parêntesis será ela o que nos diferencia das pedras vírgula
ou o que nos aproxima das estrelas ponto de interrogação

fecha parêntesis
mas cuidado com a volição dois pontos
ela tanto pode erguer como consumir ponto e vírgula
uma faísca que ilumina ou incendeia vírgula
dependendo de quem a alimenta ponto final
no entanto vírgula sem ela vírgula
somos estátuas vírgula
rochedos à mercê do tempo ponto final
é a volição que nos faz ser ponto final
não é o pulsar do coração vírgula
mas o desejo que ele carrega ponto final

XIV

a liberdade das rodas partidas vírgula o grito dos bois ponto final

revolução dois pontos
uma carroça de bois vírgula
arrastando o peso de séculos ponto e vírgula
as rodas gemem vírgula
os eixos cedem vírgula
e a poeira ergue-se como o grito do passado ponto final
os bois caminham vírgula
cabos presos aos ombros vírgula
olhos fixos no horizonte que nunca chega ponto final
são força sem liberdade vírgula
movimento sem escolha ponto final
mas então vírgula alguém surge vírgula
abre as mãos e corta os laços ponto de exclamação
a carroça cai vírgula despedaçada ponto final
os bois olham uns para os outros vírgula
sem saber o que fazer com o vazio onde antes havia peso ponto final
há quem diga dois pontos
abre aspas isto é caos fecha aspas vírgula
mas o caos tem a textura da escolha ponto de exclamação
há quem murmure dois pontos
abre aspas os bois precisam de direcção fecha aspas vírgula
mas quem somos nós para lhes dar rumo ponto final
a revolução não é ordem vírgula
não é comando ponto final
é o instante em que as rodas deixam de girar vírgula
e o caminho abre-se vírgula múltiplo e incerto ponto final

os bois agora livres vírgula
andam por campos que não conheciam ponto e vírgula
descobrem o sabor da terra vírgula
o som do vento vírgula
e o peso das suas próprias escolhas ponto final
a revolução dois pontos
não é a destruição da carroça vírgula
é o instante em que percebemos que ela nunca foi
necessária ponto final

XV a moeda que pesa mais que o mundo ponto final

o dinheiro dois pontos
um pedaço de papel vírgula
uma moeda fria vírgula
um número inscrito em zeros infinitos ponto final
tão leve na mão vírgula
tão pesado na alma ponto de exclamação
não tem coração vírgula nem pensamento vírgula
e mesmo assim governa tudo ponto final
compra terras vírgula
compra vidas vírgula
até o tempo se rende ao seu poder ponto de exclamação
mas não é ele que é vil vírgula
é quem o moldou vírgula
quem lhe deu um trono e uma coroa ponto final
o ser humano dois pontos
criador do império da ganância ponto e vírgula
inventor de um deus feito de papel e metal ponto final
um ser que troca a liberdade por notas vírgula
que pesa o valor da vida em moedas ponto final
não há abismo mais profundo vírgula
nem veneno mais eficaz ponto de exclamação
o dinheiro não chora vírgula
não fere vírgula não mata por si só ponto final
mas quem o adora transforma tudo em mercadoria vírgula
até a própria alma ponto de exclamação
a humanidade dois pontos
o único animal que criou a sua própria jaula vírgula
que aplaude enquanto o ouro corrói os alicerces do mundo ponto final
não há nada mais vil que o dinheiro vírgula
a não ser a mão que o cunhou vírgula

o olhar que o idolatra vírgula
e a mente que lhe deu significado ponto final

XVI

a inclusão começa no pensamento vírgula ressoa na escrita ponto final

a inclusão dois pontos
não começa nos actos visíveis vírgula
nem nos discursos exaltados ponto final
começa no invisível vírgula
na forma como os pensamentos se moldam ponto e vírgula
na delicadeza de cada palavra escolhida ponto final
há quem diga dois pontos
abre aspas é só linguagem fecha aspas ponto de exclamação
mas como pensamos dois pontos
assim existimos ponto final
o verbo é o alicerce do mundo vírgula
e cada letra um tijolo que constrói ou destrói ponto final
quando escrevemos vírgula
estamos a desenhar o futuro ponto final
um género excluído numa frase dois pontos
é uma vida apagada num momento ponto de exclamação
um pronome esquecido vírgula
é uma voz que nunca será ouvida ponto final
a inclusão não é complicação vírgula
é cuidado ponto e vírgula
não é forçar vírgula
é abrir espaço ponto final
não é apagar o que existe vírgula
mas acrescentar o que foi silenciado ponto de exclamação
porque o género dois pontos
não é binário vírgula

mas múltiplo vírgula
um caleidoscópio de possibilidades ponto final
e a linguagem dois pontos
é o espelho onde todas as identidades se deveriam ver
ponto final
se queremos um mundo mais justo dois pontos
que as palavras sejam o início vírgula
que os pensamentos sejam a revolução vírgula
e que a inclusão comece nas entrelinhas ponto final

XVII

intolerar a intolerância dois pontos preservar o futuro ponto final

a intolerância dois pontos
uma semente venenosa vírgula
plantada no terreno fértil da indiferença ponto final
cresce sem alarde vírgula
sorrateira como a sombra ponto e vírgula
e quando percebemos vírgula
o seu tronco sufocou a floresta ponto final
há quem diga dois pontos
abre aspas toleremos tudo fecha aspas vírgula
mas o tudo inclui o que destrói ponto final
há quem murmure dois pontos
abre aspas a intolerância é apenas uma opinião fecha aspas
ponto de exclamação
mas uma opinião que cala vírgula
que humilha vírgula
que fere vírgula
não é só uma opinião ponto final
se tolerarmos a intolerância dois pontos
corremos o risco de a ver triunfar ponto de exclamação
ela devora em silêncio vírgula
consome o que é livre vírgula
e transforma a diferença em inimigo ponto final
intolerar a intolerância não é ódio vírgula
é preservação ponto e vírgula
não é violência vírgula
mas resistência ponto final
é erguer muralhas onde o ódio tenta passar vírgula
é gritar quando o silêncio ameaça ceder ponto final

porque a liberdade dois pontos
essa chama frágil vírgula
não sobrevive sem a vigilância de quem a protege ponto final
e a justiça dois pontos
não respira onde a intolerância prospera ponto final
não devemos tolerar o que nos destrói vírgula
porque abrir as portas à intolerância vírgula
é trancar o futuro ponto final

XVII

derrubar para descobrir vírgula o método científico dos felinos ponto final

os gatos dois pontos
esses pequenos cientistas de bigodes vírgula
não vivem para entreter vírgula
mas para investigar ponto final
um copo na mesa dois pontos
não é só um copo vírgula
é uma oportunidade científica ponto de exclamação
primeiro o olhar vírgula
fixo e metódico ponto e vírgula
depois a pata vírgula
erguida como se fosse uma equação a ser resolvida ponto final
um toque ligeiro dois pontos
ainda está lá ponto final
mais um empurrão vírgula com a força exacta vírgula
e o objecto cai ponto de exclamação
abre aspas que bela experiência fecha aspas vírgula
pensam eles vírgula enquanto observam a trajectória
ponto e vírgula
o impacto vírgula
e os cacos no chão ponto final
abre aspas será que a gravidade é constante ponto de interrogação fecha aspas
um mistério digno de outra experiência ponto de exclamação

o dono grita vírgula abre aspas maldito gato fecha aspas
ponto de exclamação
mas o felino apenas o encara dois pontos
abre aspas ignorância é não valorizar a ciência fecha aspas
ponto final
e lá vai ele vírgula em busca de outra mesa vírgula
outro copo vírgula
ou talvez um vaso vírgula
porque a ciência não pode parar ponto de exclamação
não são ignorantes vírgula
são pioneiros ponto final
não são travessos vírgula
são estudiosos da física do quotidiano ponto de exclamação
e quando derrubam o próximo objecto vírgula
não é vingança vírgula
é conhecimento ponto final

XIX a vida que justifica o fim ponto final

a felicidade de uma morte boa dois pontos
não é lamento vírgula
é descanso ponto final
é o fechar de um livro vírgula
cuja história foi vivida vírgula
cuja última página não foi arrancada ponto final
um suspiro final que não pesa vírgula
mas liberta ponto final
há quem tema o fim dois pontos
como se o horizonte engolisse o sol ponto de exclamação
mas e se a noite for tão serena vírgula
que a alma se recoste vírgula
olhando para trás vírgula
e veja vírgula não arrependimento vírgula
mas um quadro completo ponto final
só uma vida bela pode justificar um fim tão pleno ponto final
aquela que é vivida vírgula
não apenas passada ponto final
onde o riso e a dor se entrelaçam dois pontos
não como opostos vírgula mas como cúmplices ponto final
onde os dias não foram contados vírgula
mas sentidos ponto final
a alegria de uma vida bela dois pontos
não está em ser perfeita vírgula
mas em ser verdadeira ponto e vírgula
em ser intensa ponto de exclamação
uma chama que não se apaga devagar vírgula
mas arde até o último instante ponto final

a felicidade de morrer bem dois pontos
não é a ausência de medo vírgula
mas a presença de completude ponto final
é saber que a vida foi vírgula
e que isso basta ponto final



h2o vírgula a pulsação do ínfimo

minúsculas gotículas hialinas dois pontos
pequenos cristais translúcidos vírgula
uma dádiva que cai sem alarde ponto final
descem pelas folhas vírgula
rolam pelas pedras vírgula
reúnem-se num microscópico espelho do mundo ponto final
a pequenina pulga vírgula
brincalhona como uma fagulha de vida vírgula
aproxima-se vírgula
as patas como remos de um barco minúsculo ponto e vírgula
toca a gota com cuidado vírgula
como se fosse um mistério ponto final
abre aspas será aqui o segredo do universo ponto de interrogação fecha aspas
ou apenas o sabor fresco de existir ponto final
sacia a sede vírgula
mas não de fome vírgula
de curiosidade ponto final
um gole é um mundo vírgula
e a gota hialina transforma-se em tudo vírgula
uma festa na simplicidade da sua existência ponto final
quem diria dois pontos
uma gotícula ínfima sustenta a dança de uma pulga vírgula
uma vida tão leve que até o vento a ignora ponto final
e ainda assim vírgula ali está vírgula
bebendo o essencial ponto de exclamação
na grandeza do pequeno dois pontos
um eco do que somos vírgula
o que esquecemos vírgula
e o que nunca devemos desprezar ponto final

XXI

entre o zumbido da máquina e o canto da lenha

no inverno dois pontos
quando o frio se infiltra nas paredes vírgula
quando o vento sibila como um lobo distante vírgula
a escolha apresenta-se vírgula
entre a madeira que crepita vírgula
e a máquina que zune ponto final
a lareira dois pontos
um portal ancestral vírgula
um coração de fogo vírgula
a dança da chama que aquece as mãos vírgula
os pés vírgula
e até os pensamentos ponto e vírgula
o calor que vem da terra vírgula
não da corrente que alimenta o invisível ponto final
o aquecedor dois pontos
elegante vírgula silencioso vírgula
uma invenção de quem esqueceu o cheiro do pinho que
queima ponto e vírgula
um calor que não se vê vírgula
que não fala vírgula
que não canta ponto final
e o que é mais sustentável dois pontos
o som do machado que divide a lenha vírgula
o fumo que sobe em espirais vírgula
ou o zumbido constante que consome o que não vemos
ponto de interrogação
há algo na chama viva dois pontos
um vestígio do que fomos vírgula
um eco do que deveríamos lembrar ponto final

no inverno vírgula
quando faz frio vírgula
há poesia numa lareira acesa ponto de exclamação
o crepitar da madeira é uma canção vírgula
um conto de calor que a máquina não pode contar ponto
final

XXII

abre aspas sofrimento e sangue fecha aspas dois pontos um retrato do consumo

tudo o que vejo dois pontos
sofrimento vírgula sangue vírgula
e um sorriso amarelo que esconde o abate ponto final
o vil mcdonald’s dois pontos
templos de carne moída vírgula
onde os gritos dos que nunca falaram são abafados pelo
barulho da fritura ponto e vírgula
a fábrica de consumo dois pontos
pernas que não correram vírgula
olhos que nunca viram o céu ponto final
quantos campos foram rasgados vírgula
quantos rios envenenados vírgula
para alimentar esta máquina insaciável ponto de
interrogação
cada mordida é um silêncio imposto vírgula
cada embalagem é um luto não declarado ponto final
chamam-lhe progresso dois pontos
uma fila ordenada de consumidores vírgula
pagando pelo privilégio de não pensar ponto final
chamam-lhe sabor dois pontos
mas o que é o gosto se não a ausência de compaixão
ponto de interrogação
e o que resta dois pontos
sofrimento vírgula sangue vírgula
e o eco dos que nunca tiveram escolha ponto final
o vil mcdonald’s vírgula
mais do que um nome vírgula
um espelho daquilo que nos tornámos ponto final

XXII

o lento deslizar dos dedos dois pontos a consciência da morte

os dedos deslizam lentamente dois pontos
um gesto tão banal vírgula
percorrendo as soberbas sobrancelhas ponto final
é ali vírgula nesse instante sem pressa vírgula
que a consciência desperta ponto final
não há gritos vírgula
não há alarmes vírgula
apenas a textura da pele vírgula
o leve arquejo das sobrancelhas vírgula
como pontes que sustentam o olhar ponto final
abre aspas e se isto for o princípio do fim fecha aspas vírgula
perguntamos ponto de interrogação
a morte aproxima-se vírgula
não com pressa vírgula
mas como quem observa de longe vírgula
esperando pelo momento certo ponto final
não há som no seu andar vírgula
não há sombra no seu rasto ponto final
só a certeza vírgula
como uma página que inevitavelmente será virada ponto final
e ainda assim vírgula os dedos continuam dois pontos
deslizando como se tocassem a eternidade vírgula
como se naquele breve instante vírgula

pudéssemos conter o tempo ponto de exclamação
as sobrancelhas dois pontos
arcos de histórias contadas e silêncios guardados ponto final
a pele dois pontos
um mapa onde o tempo escreveu vírgula
linha após linha ponto final
apercebemo-nos vírgula não com desespero vírgula
mas com uma calma que dói ponto final
a morte está ali dois pontos
não como um inimigo vírgula
mas como um destino que nunca nos esqueceu ponto final

XXIV

própolis dois pontos o pacto entre abelhas e o mundo

engoli gotas de âmbar líquido vírgula
um sol em miniatura rasgando a garganta ponto final
a dor abriu as asas vírgula
despediu-se como uma velha amiga ponto final
benditas sejam vírgula
amigas de voos matemáticos vírgula
engenheiras do néctar vírgula
guardiãs do que não merecemos ponto final
nas colmeias vírgula
segredos vibram entre paredes douradas ponto e vírgula
um pacto antigo entre flores e zumbidos vírgula
um remédio antes de termos nome ponto final
própolis vírgula
gotas de um mundo tão pequeno vírgula
tão vasto vírgula
um remendo para a voz que falha vírgula
um abraço invisível ponto final
as abelhas vírgula
tão frágeis como o planeta vírgula
tão vitais como o sol ponto final
se elas desaparecem vírgula
quem cuidará das flores vírgula
quem me curará a garganta ponto de interrogação
benditas sejam vírgula
essas alquimistas aladas ponto final

pois na simplicidade das gotas vírgula
encontro o universo ponto final

XXV

do ikea às estrelas dois pontos a luz que não dança

faça-se luz dois pontos
um comando sem eco vírgula
uma ordem sem cosmos ponto final
mas a luz não nasce vírgula
é acesa vírgula
num clique industrial ponto final
do ikea vírgula
vem o candeeiro vírgula
desenhado para ser elegante vírgula
mas anónimo ponto final
a luz não dança vírgula
não pisca como uma estrela vírgula
não aquece como o sol ponto final
é prática ponto e vírgula
é funcional ponto de exclamação
um abajur cobre o que não queremos ver vírgula
filtrando sombras que já não assustam ponto final
uma lâmpada que não se cansa vírgula
uma modernidade que não sonha ponto final
faça-se luz dois pontos
e desliguei as estrelas vírgula
abafei o mistério vírgula
tornei a escuridão um incómodo ponto final
o candeeiro é suficiente dois pontos
alimenta os olhos vírgula
mas nunca o espírito ponto final

XXVI

um palco vazio dois pontos
quando a terra não aplaude

o ser humano sobe ao palco dois pontos
a orquestra está desordenada vírgula
os violinos desafinam com o vento vírgula
os tambores ecoam como patas que fogem ponto final
sobre relações interespécies dois pontos
fala em harmonias que não ouve vírgula
em pactos que nunca assinou ponto final
a batuta vibra no vazio vírgula
mas a música não segue ponto e vírgula
ela responde vírgula
atonal ponto final
os pássaros interrompem com gritos agudos vírgula
os rios sussurram acordes dissonantes vírgula
as árvores abanam as folhas como sinos sem compasso
ponto final
os lobos uivam abre parêntesis ou será que protestam
fecha parêntesis ponto de interrogação
o ser humano não escuta vírgula
apenas insiste ponto final
um discurso que corta a terra como uma lâmina vírgula
um eco que repele em vez de unir ponto de exclamação
e o mundo natural dois pontos
um público que não pediu para estar ali vírgula
vai-se retirando vírgula
um a um ponto final

o concerto termina sem aplausos vírgula
apenas o silêncio das espécies que se foram ponto final
atonal vírgula sim vírgula
mas não é música ponto final
é um descompasso dois pontos
o ser humano tocando sozinho vírgula
num planeta que já não dança ponto final

XXVII

o prazer salgado dois pontos entre o mar e o protector solar

há um prazer vírgula
tão simples vírgula
tão vasto dois pontos
caminhar na praia vírgula
onde o mar desenha bordados na areia ponto final
os pés afundam-se vírgula
abraçando a textura da terra vírgula
enquanto a espuma fala em línguas esquecidas ponto e vírgula
o vento dois pontos
uma carícia salina que sussurra liberdade ponto final
mas a luz dois pontos
essa chama distante vírgula
a estrela que nos aquece vírgula
é também um pintor cruel ponto final
os seus raios vírgula
belos e fatais vírgula
desenham marcas que o tempo não apaga ponto final
e por isso vírgula sempre vírgula
o protector solar vírgula
uma segunda pele contra o ardor ponto final
o escudo invisível dois pontos
entre mim e o abraço inclemente do sol ponto final
adoro o mar dois pontos
mas amo mais a minha pele ponto final

porque o prazer do agora vírgula
não deve apagar os futuros dias ponto final

XXVII

abre aspas político corrupto fecha aspas dois pontos nem a simplicidade de uma ameba

político corrupto dois pontos
não és uma ameba vírgula
não tens a sua simplicidade vírgula
nem a sua utilidade ponto final
tens medula espinhal vírgula
mas para que serve vírgula
se não a usas ponto de interrogação
a ameba vive sem prejudicar vírgula
movendo-se pelo mundo sem rasto ponto final
tu vírgula pelo contrário vírgula
deixas trilhos de destruição vírgula
buracos onde antes havia esperança ponto final
dizem dois pontos abre aspas tens escolha fecha aspas vírgula
mas escolhes dobrar-te ao peso da ganância ponto e vírgula
escolhes roubar o que não é teu vírgula
transformar o futuro dos outros em cinzas ponto final
medula espinhal dois pontos
não é apenas anatomia vírgula
é carácter ponto final

o teu curvou-se dois pontos
não ao peso das responsabilidades vírgula
mas à tua sede insaciável por mais ponto final
não és uma ameba vírgula
porque ela não mente vírgula
não manipula vírgula
não acumula vírgula
não destrói ponto final
és algo pior vírgula
porque sabes o que fazes ponto de exclamação

XXIX

abre aspas o pinguim e o morcego fecha aspas dois pontos a brincadeira da natureza

o pinguim dois pontos
uma ave vestida de fraque vírgula
tão elegante que até se esquece de voar ponto final
anda como se o chão fosse escorregadio vírgula
mesmo quando não há gelo ponto final
e na água dois pontos
ah vírgula aí sim vírgula é puro balé ponto de exclamação
mas se o olharmos de perto vírgula
parece um pequeno mamífero vírgula
uma foca com plumas vírgula
um híbrido que confunde até a própria natureza ponto final
e então vírgula o morcego dois pontos
um mamífero que decidiu voar ponto final
abre aspas porque não fecha aspas vírgula pensou ele ponto final
tem asas de couro vírgula
olhos que mal veem vírgula
e uma pose de herói gótico ponto de exclamação
dorme pendurado vírgula
como se o mundo estivesse de cabeça para baixo ponto final
se o pinguim parece um mamífero vírgula
e o morcego parece uma ave vírgula

quem somos nós para discutir com a natureza ponto de interrogação
talvez o universo goste de brincar vírgula
de confundir vírgula
de criar seres que desafiam as regras ponto de exclamação
o pinguim e o morcego dois pontos
um par improvável vírgula
mas ambos nos lembram que as aparências vírgula
ah vírgula as aparências vírgula
são só mais um jogo da vida ponto final



o som que prometeu dois pontos do peido ao avant-garde

um som dois pontos
rápido vírgula inesperado vírgula
uma nota que vibra entre a carne e o ar ponto de exclamação
um peido que promete dois pontos
mais do que alívio vírgula
uma experiência ponto final
o ouvido apura-se vírgula
a mente divaga dois pontos
abre aspas seria isto música ponto de interrogação fecha aspas
penso em kagel vírgula
o maestro dos absurdos vírgula
e a vontade de escutá-lo emerge vírgula
como o gás que antecedeu a nota ponto final
seria o som humano mais rudimentar dois pontos
uma sinfonia que esquecemos de apreciar ponto de interrogação
um prelúdio que a sociedade censurou vírgula
mas que a natureza sempre entendeu ponto de exclamação
peidos dois pontos
não são apenas ruídos vírgula
são memórias do corpo vírgula
ecos de vida ponto final
em cada som há uma promessa dois pontos
uma gargalhada vírgula um alívio vírgula
ou até inspiração ponto final
escutar kagel é ressignificar dois pontos

a vida vírgula o som vírgula
e até o que negamos ponto de exclamação

XXXI

o mosquito dois pontos igualdade na injustiça

o mosquito dois pontos
pequeno vírgula ágil vírgula
um maestro de asas que zumbem na noite ponto final
não conhece classes vírgula
não vê coroas vírgula
nem se importa com contas bancárias ponto final
ele pica vírgula
indiscriminadamente ponto final
o pobre que repousa na esteira vírgula
o rico que dorme sob lençóis de linho ponto final
para o mosquito dois pontos
todos têm o mesmo sabor vírgula
o sangue é universal ponto final
há algo de justo na injustiça da sua picada vírgula
algo de simples no seu alcance ponto final
o mosquito não faz discursos vírgula
não discrimina vírgula
não escolhe ponto final
apenas segue o instinto vírgula
saciando-se no que somos vírgula
não no que temos ponto final

XXXII

o oitavo mês lunar dois pontos um ritual fluorescente

urino à noite dois pontos
um ritual solitário vírgula
na penumbra do oitavo mês lunar ponto final
o líquido escorre vírgula
verde fluorescente vírgula
uma assinatura química do corpo ponto final
benzovac dois pontos
um nome que soa como um feitiço vírgula
uma promessa embalada em cápsulas ponto final
não cura vírgula
mas transforma vírgula
pinta o invisível com cores que não pedimos ponto final
o verde brilha na escuridão vírgula
um mapa que não sei ler ponto e vírgula
uma mensagem do meu interior vírgula
ou apenas o absurdo que me habita ponto final
oitavo mês lunar dois pontos
há um eclipse dentro de mim ponto final
e este líquido dois pontos
não é sangue vírgula não é vida vírgula
é uma história que o corpo conta vírgula
mas que não consigo decifrar ponto final

XXXII

a tragédia do mindinho dois pontos newton aplaude

quando a grande pedra cai dois pontos
o dedo mindinho do pé transforma-se no centro do universo ponto final
um grito ecoa vírgula
um salto desequilibrado vírgula
a física encontra a tragédia ponto de exclamação
lá no além dois pontos
newton observa vírgula
com um sorriso que mistura orgulho e sadismo ponto final
abre aspas eis a gravidade em acção fecha aspas vírgula
pensa ele vírgula
enquanto toma um chá imaginário de maçãs ponto final
o dedo vibra dois pontos
um pequeno planeta atingido por um meteoro vírgula
a dor espalha-se como ondas sísmicas ponto final
a mente não entende vírgula
apenas lamenta vírgula
mas newton vírgula esse gênio vírgula
só vê ciência vírgula
forças invisíveis que dominam a carne ponto final

abre aspas a pedra cai porque tem que cair fecha aspas
vírgula diria ele vírgula
mas o dedo não quer saber vírgula
o dedo quer vingança ponto final

XXXIV

a força do acaso dois pontos onde as condições se escondem

a força do acaso dois pontos
um vento que sopra sem mapa vírgula
um dado lançado num tabuleiro sem fim ponto final
não tem condições vírgula
não pede vírgula
não negocia ponto final
mas e se dois pontos
a força do acaso fosse um espelho vírgula
onde as condições se dobram e desdobram vírgula
nunca ausentes vírgula
sempre presentes ponto final
o acaso não é desprovido vírgula
nem as condições são vazias ponto e vírgula
é um círculo vírgula
ou talvez uma espiral vírgula
onde a força do acaso encontra as condições ponto final
e assim dois pontos
o acaso move as condições vírgula
e as condições moldam o acaso ponto de exclamação
não há princípio vírgula
não há fim ponto final

há apenas o giro contínuo dois pontos
do que parece aleatório vírgula
mas carrega nas entrelinhas uma lógica que não
entendemos ponto final

XXXV

a sabedoria do corvo dois pontos o voo da dúvida

pôr as nossas certezas em causa dois pontos
uma arte que poucos dominam vírgula
mas que o corvo abraça ponto final
esse pássaro negro vírgula
tão velho quanto o vento vírgula
tão sábio quanto o vazio entre as estrelas ponto final
ele é monogâmico dois pontos
não por tradição vírgula
mas por escolha vírgula
porque sabe que na dúvida há lealdade ponto e vírgula
porque entende que o amor é uma dança vírgula
não um dogma ponto final
o corvo observa dois pontos
os céus e a terra vírgula
os vivos e os mortos vírgula
e nunca decide de imediato ponto final
questiona o horizonte vírgula
pergunta ao vento ponto final
não aceita o óbvio vírgula
pois sabe que o óbvio mente ponto de exclamação
abre aspas há sabedoria na dúvida fecha aspas vírgula
diria o corvo vírgula
enquanto voa entre galhos secos vírgula
procurando a próxima pergunta ponto final

XXXVI

a riqueza da diferença dois pontos o humano que se expande

abrirmo-nos dois pontos
um gesto que exige mais do que mãos vírgula
exige alma ponto final
à diversidade vírgula à diferença vírgula
abrimos as janelas da mente vírgula
deixamos o vento do outro entrar ponto final
divergir não é enfraquecer vírgula
mas fortalecer ponto final
é a locupletação do humano dois pontos
enriquecer-se com o que não é espelho ponto final
cada diferença é uma centelha vírgula
um pedaço de luz que o igual não dá ponto final
sapiência não nasce no singular vírgula
mas no plural ponto de exclamação
é o encontro das linhas que não se cruzariam vírgula
o diálogo entre mundos que nunca se tocariam ponto final
abrirmo-nos não nos perde vírgula
amplia-nos ponto final
como rios que encontram o mar vírgula
como estrelas que dividem o céu ponto final

XXXVII

uma má canção dois pontos a obtusidade da identidade fechada

sempre que nos fechamos dois pontos
erguemos muros invisíveis vírgula
mas tão altos como a nossa vaidade ponto final
celebramos a identidade nacional vírgula
como se fosse uma estrela fixa vírgula
sem perceber que estrelas também se movem ponto final
a bandeira tremula vírgula
mas não canta ponto final
as cores brilham vírgula
mas não falam ponto final
e no silêncio da nossa celebração dois pontos
ouvimos apenas o eco da nossa obtusidade ponto final
é uma má canção vírgula
sem melodia vírgula
apenas refrões de orgulho vazio ponto final
uma sinfonia truncada vírgula
onde faltam as notas do outro vírgula
as vozes de quem ficou fora dos muros ponto final
o que é a identidade dois pontos
se não um rio que encontra outros rios ponto de interrogação

fechá-la é secar a corrente ponto final
é entoar uma canção que não termina vírgula
porque nunca começou ponto final

XXXVIII

o poema que nunca termina dois pontos ecos do infinito

este meu último poema dois pontos
não há ponto final vírgula
apenas reticências que se alongam como um horizonte
ponto final
nunca terminará vírgula
porque terminar é fixar vírgula
é encerrar o que ainda respira ponto e vírgula
e este poema respira vírgula
mesmo que em silêncio ponto final
eu nunca o irei dois pontos
não há verbo que o conclua vírgula
não há palavra que o aprisione ponto final
ele existe nas entrelinhas vírgula
nos ecos das frases que ficaram por dizer ponto final
talvez seja assim que o infinito começa dois pontos
não com uma explosão vírgula
mas com um poema que não termina ponto de exclamação

FICHA TÉCNICA

Copyright © 2026 Vítor Rua · Todos os direitos reservados.

Autor: Vítor Rua
Editora: Asoka Miau Records
Ano: 2026

Revisão: português europeu, norma anterior ao Acordo Ortográfico de 1990
Concepção gráfica: Paginação Construtivista / Os Livros do Rua
Formato: 5 × 8 polegadas · primeira edição

Os sinais de pontuação foram mantidos por extenso: são voz, ritmo e matéria dos poemas.